

SENTIR, VIVER, INVENTAR: A VIAGEM COMO PERCURSO NARRATIVO

Ana Paula Parise Malavolta¹

Luis Humberto Bahú Ben²

Camila Luceli Cortelini Dorneles Paines³

Rodrigo Pinto Paines⁴

Resumo: A presente escrita atualiza-se como uma passagem, um percurso que busca movimentar o sentir, o viver e o inventar como arranjos para pensar, problematizar e tocar o aprender. Para isso, delineamos uma produção ensaística e nos amparamos nas prospecções sobre o processo de viajar, como engrenagem poética e ética para pensar os mecanismos e engrenagens em busca de uma aprendizagem inventiva. Nesta acepção, olhamos para os deslocamentos como rastros de movimentos gestuais, que além de carregar a materialidade da diferença, carregam as tentativas de criação de territórios existenciais. Na poética de si, o aprender se faz, o corpo torna-se passagem para forças, torna-se possibilidade de mobilização do sensível.

Palavras-chaves: Aprender; viagem; viver.

FEEL, LIVE, INVENT: TRAVEL AS A NARRATIVE ROUTE

Abstract: The present writing is updated as a passage, a journey that seeks to move feeling, living and inventing as arrangements for thinking, problematizing and touching learning. For this, we have outlined an essay production and we rely on the prospects about the process of traveling, as a poetic and ethical gear to think the mechanisms and gears in search of an inventive learning. We look at displacements as traces of gestural movements, which in addition to carrying the materiality of difference, carry attempts to create existential

¹ Graduada em Psicologia (2015) pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões- URI Santiago. Doutora em Educação (2020) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM) na Linha de Pesquisa Educação e Artes. Mestra em Artes Visuais (2017) pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (PPGART/UFSM) na Linha de Pesquisa Arte e Visualidade. E-mail: anamalavolta@gmail.com

² Graduado em Agronomia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Campus Santiago (2012), Licenciatura Plena pelo Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional, pela Universidade Federal de Santa Maria - PEG (2017). Mestre (2015) e Doutor (2018) em Engenharia Agrícola (Engenharia de Água e Solos) pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia Agrícola - (PPGEA) da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: luishumbertoben@gmail.com

³ Graduada em Psicologia (2015) pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões- URI Campus Santiago. Especialista em Gestão Social: políticas públicas, rede e defesas de direitos pela UNOPAR. E-mail: cami_dorneles@hotmail.com

⁴ Graduado em Direito (2019) pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões- URI Santiago. E-mail: rodrigo_paines@hotmail.com

territories. In the poetics of self, learning takes place, the body becomes a passage for forces, it becomes the possibility of mobilizing the sensitive.

Key-words: Learn; travel; to live.

Sentir

Sentir, viver e inventar, dinamizam muitos dos acontecimentos⁵ da experiência do mundo. Experimentar o mundo em nossa perspectiva possibilita um viver/ser aventureiro, de abertura ao encontro e ao inesperado. Nosso intuito nesta escrita, é dimensionar uma geografia de afetos, constituindo assim um tipo de sensibilidade exploratória, analítica e poética. Nosso olhar aqui, agencia-se pela multiplicidade de forças que atravessam paisagens, olhares, singularidade e abrigam intensidades. Nesse caminho consideramos

[...] a vida na sua vibração expressiva, protagonista de uma espécie de teatro sutil, no qual dramatizações de devires e de individuações encontram-se como séries em variação incessante. Os devires do corpo-passageiro é o que buscamos; ao visibilizarmos o espaço, visibilizamos o esforço de ancoragem de uma vida que pinta, com tintas, as forças constitutivas de seu “território existencial” [...] Buscamos traçar nas séries das repetições sempre aquilo que difere e denuncia um novo momento individualmente (THOMAZONI; FONSECA, 2011, p. 524).

Os momentos, os instantes e as contingências do mundo atravessam nossos corpos, de modos diversos, incertos, inesperado e por vezes abruptos. Os afetos e sentidos que embarcam em nossas experimentações singulares encaminham nosso modo de ver, sentir, analisar, capturar e extrair das pequenas gotículas de potência de nosso viver, perceptos e arranjos para seguirmos em nossos dias. Nesta compreensão, transitaremos por três distintos lugares do conhecimento que habitam o mundo: a Psicologia, o Direito e a Agronomia. Estes são os lugares que movem nossos pensamentos nesta produção, por que afinal o que seria ‘Estar vivo, Aprender’ sem as reverberações dos encontros e da diferença

⁵ Para Gilles Deleuze (2015, p. 6) o acontecimento é um incorpóreo, é um efeito de superfície que pode ser apreendido como ‘um vapor nos campos’. Desse modo, a respeito dele, não se podem construir definições identitárias, isto é, ele não se confunde com a designação, manifestação ou significação, mas é sempre alguma coisa de que só podemos dizer o que se apreende do seu acontecer no instante em que acontece, daí ser atributo verbal. Dos acontecimentos não se podem extrair definições e predicados, mas o que se pode dizer é sempre no infinitivo, como por exemplo, crescer, diminuir, avermelhar, verdejar, cortar ou ser cortado

Criar Educação, Criciúma, v. 9, nº 3, ago/dez. 2020 – PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

entre os campos do conhecimento? Como aprender sem tocar, ou aproximar-se da multiplicidade? Como encontrar/problematizar a vida no campo das ciências humanas, sociais e agrária?

Figura 1 – Sentir.



FONTE: Ana Paula Parise Malavolta (2020). Santiago/RS.

Temos aqui um compromisso inventivo e poético, para delinear caminhos e percepções que se agenciam pela diversidade das trajetórias. Nesse sentido, a Psicologia nos ajudará a pensar a vida em suas relações diversas perante as singularidades e suas composições; o Direito diante de suas prospecções acerca da possibilidade da ética e da justiça afirmarem/garantirem a multiplicidade das formas-de-vida⁶; por fim a Agronomia, que nos mobiliza a refletir sobre a fertilidade da vida, sobre a potencialidade do semear, do germinar, do cultivar e do colher.

Com essa bagagem, nossa escrita ampara-se nos pressupostos de Michel Onfray (2009) acerca da Viagem e sua poética de encontro e ramificações

⁶ Na concepção de Giorgio Agamben (2016), uma forma-de-vida em sua potência é política, e nela habitam comportamentos e formas de viver, que nunca “são prescritos por uma vocação biológica específica, nem atribuídos por uma necessidade qualquer, mas, por mais ordinários, repetidos e socialmente obrigatórios, conservam sempre o caráter de uma possibilidade, isto é, colocam sempre em jogo o próprio viver” (AGAMBEN, 2016, p.14).

geográficas. Para Onfray (2009), a viagem induz uma ética lúdica, uma declaração de resistência ao espaço quadriculado e à cronometragem da existência. Com trejeitos autossuficientes, o viajante recusa o tempo social, coletivo e coercitivo, em favor de um tempo singular feito de durações subjetivas e de instantes festivos buscados e desejados. É pela viagem que se desbravam espaços, lugares e territórios.

No percurso de deslocamento, ir a qualquer lugar significa, na maioria das vezes, dirigir-se a lugares-comuns associados desde sempre à destinação eleita, pois somos marcados pela geografia e mais profundamente pela paisagem. Isso explica porque talvez um dos grandes riscos da viagem/deslocamento consiste em partir para verificar por si mesmo o quanto o lugar visitado corresponde à ideia que se faz dele, e que se atualiza em sensações de afetos, memórias e aprendizagens.

Para a composição desta produção, nos amparamos metodologicamente nas modulações do Ensaio a partir de Jorge Larrosa (2010), com quem contamos como cúmplice, para narrar aqui, por meio de escritas e imagens, os meios pelos quais podemos ‘sentir, viver, inventar’ encontros, deslocamentos, percursos e aventuras coletivas, que dimensionam possibilidades para delinear caminhos outros para pensar a vida em suas incertezas, paisagens e efeitos.

O Ensaio nos possibilita “fazer um balanço do que há de ‘vivo’ em nós: nas nossas palavras, nas nossas ideias, na nossa forma de escrever e de ler, na nossa forma de pensar, em todas essas coisas que somos e fazemos” (LARROSA, 2004, p. 28). Por meio desta linha de análise e orientação, lançamos aqui palavras, pensamentos, possibilidades e reflexões sobre o que podemos mobilizar da vida enquanto ação de aprendizagem para o viver comum, onde a diferença e a multiplicidade possam se conjecturar como mecanismos de invenção.

Nesse caminho, nos colocamos aqui como viajantes de modo real e simbólico, pois nos propomos a tracejar e apresentar acontecimentos, encontros, sentidos, experimentações e sensações baseados em viagens que vivenciamos, extraíndo destas, modulações, registros e perspectivas para costurar nossas trajetórias, pensamentos e saberes. Buscamos, então, problematizar a viagem como plano de inscrição das forças que passam pelo corpo e modulam o viver, o sentir, o

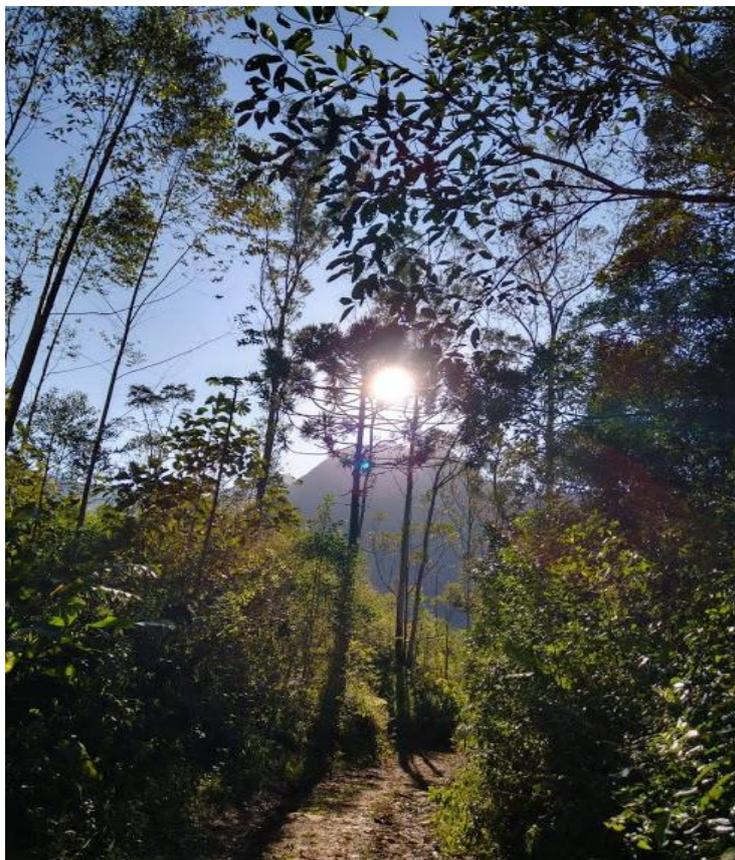
aprender. Olhamos para os deslocamentos como rastros de movimentos gestuais, que além de carregar a materialidade da diferença, carregam as tentativas de criação de territórios existenciais. Na poética de si, o aprender se faz, o corpo torna-se passagem para forças, torna-se possibilidade de mobilização do sensível.

Viver

Os percursos e percepções singulares que nos movem, sinalizam sentidos para um viver que se agencia pelo possível e pelo desejo de aprender o ‘mundo’ com vontade. Muitos dos extratos que movem nossos processos experimentais sobre o viver e suas dimensões, são por nós delineados pelos lugares, territórios, espaços e ambiente por onde perambulamos como viajantes. Para Michel Onfray (2009), a viagem é um deslocamento que se transforma em autoconhecimento, em regresso à própria casa, à terra natal ou a si mesmo, erigindo-se, nesse caso, como mecanismo de aprendizagem, singular, real e multiversa. Certamente há muitos pretextos, ocasiões e justificativas, mas em realidade só pegamos a estrada movidos pelo desejo de partir em nossa própria busca com o propósito, muito hipotético, de nos reencontrarmos ou, quem sabe, de nos encontrarmos. Filosófica e poeticamente, Onfray (2009) teoriza sobre a viagem, exaltando o viajante em sua transumância, pois esta o coloca sempre disponível a aprender, a absorver outras experiências, a cultivar a liberdade e a independência.

Quem viaja larga muita coisa na estrada. Além do que larga na partida, larga na travessia. À medida que caminha, despoja-se. Quanto mais descortina o novo, desconhecido, exótico ou surpreendente, mais liberta-se de si, do seu passado, do seu modo de ser, hábitos, vícios, convicções, certeza. Pode abrir-se cada vez mais para o desconhecido, à medida que mergulha no desconhecido. No limite, o viajante despoja-se, liberta-se e abre-se, como no alvorecer: caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao andar (IANNI, 2000, p. 30).

Figura 2 – Viver.



FONTE: Rodrigo Pinto Paines, 2020. Timbé do Sul/SC.

A viagem nesse sentido, produz uma série de processos de abertura e de encontro com o incerto e inesperado. As modulações que se atualizam no processo de viajar nos apontam pistas para pensar o sentido do aprender: percorrer, conhecer, experimentar, assimilar, viver. A aprendizagem neste sentido implica na travessia daquilo que se coloca como limite entre o sujeito e o objeto, para problematizar a relação produzida neste movimento. Acarreta construir um modo de aprender que acolha a experiência que insiste em expressar a multiplicidade que nos constitui, ou seja a afirmação da diferença. Assim, a viagem e sua potência desbravadora, possibilita contingências de conhecimentos, partilhas e afetos que se atualizam por meio de processos em curso que solicitam invenção, descobertas. Aprender assim como viajar, requer de nós, coragem, aventura e resiliência.

Malas feitas, bagagens singulares, histórias partilhadas, frio na barriga. É assim que a viagem nos mobiliza, retirando de nós a certeza. Por entre os territórios que juntos desbravamos, conhecemos, habitamos em determinado tempo e espaço, nos deixaram marcas. Nos ensinaram sobre a

possibilidade dos modos de viver, de sentir e de ser. As estradas percorridas, as pessoas que conhecemos, os lugares que contemplamos nos serviram como elementos de aprendizagem. Falamos de uma aprender que modula às nossas singularidades, transformando-as, produzindo arranjos que nos movimentam a olhar para nós próprios em nossas composições e nos forçando a perceber a potência que reside em nossos encontros. A viagem assim nos ensina e nos possibilita ensinar, um ao outro, a todo tempo, a cada instante (DIÁRIO DE BORDO, 2020).

Assim, a viagem se atualiza em um tempo e espaço distintos, mas permanece viva enquanto memória e experiência (BENJAMIN, 2004), consolidando-se ativa enquanto sensações corpóreas. Assim como o viajar, o aprender se mobiliza pela experiência do tempo, do espaço, do viver e do partilhar. Viver e afirmar as singularidades e formas-de-vida, modular-se através da ética da diferença, nos encaminha a trilhar caminhos por entre os territórios da aprendizagem que possam tatear, reconhecer e investigar trajetórias e percursos que potencializem a diferença e suas ramificações de aprendizagens.

Figura 3 – Passagem.



FONTE: Ana Paula Parise Malavolta (2020). Toróquá/RS.

Nos movimentamos dentro da possibilidade de (re)conhecer, sentir e viver as texturas, as cores, cheiros, formas e sabores que encontramos pelos lugares que passamos. Porquanto acreditamos que o aprender, neste sentido se encaminha nessa sinalização: experimentação, descoberta, sensações, corporeidades. Deste modo, percebemos que a seleção do mundo, a criação de coerências para invenção de modos de viver e se relacionar se encadeiam como singulares em sua configuração. Viver, nesta possibilidade, se atualiza como uma cadeia contingente de acontecimentos, que em seus contrastes formam uma complexa trama que dá corpo ao que denominamos ‘mundo’.

Mas o que garante o viver? Em nossa perspectiva, viver nos garante a criação, a invenção como deslocamento subjetivo e geográfico por certos territórios (reais e simbólicos), que de sedentários se fazem nômades em movimentos constantes de desterritorialização e reterritorialização. Nessa linha de consideração sobre deslocar-se/viver, nos aproximamos das considerações de Onfray (2009) sobre o viver nômade e sua potencialidade andarilha. Para o autor a escolha pelo nomadismo é uma questão política, pois o nômade subverte o mundo, não se enquadrando nas normativas impostas pela sociedade, assim pode ser considerado como aquele que não permite a doutrinação, a direção e o governo de si por outrem. Desse modo, compreendemos que o que nos move, assim como o nômade, é a viagem, o deslocamento, o desconhecido e o imprevisto.

Consoante Onfray (2009), o nômade é aquele que pode ver além de uma ótica dominante, e esta seria a essência do estrangeiro enquanto viajante, que por não se enquadrar em preceitos do residir ditados pela sociedade, encontrar-se-ia em um lugar errante. Sobre este aspecto, entendemos que “ o errante cultiva o paradoxo da forte individualidade e sabe se opor, de maneira rebelde e radiosa, às leis coletivas. (...) nada mais conta, exceto ele e seu uso do mundo” (ONFRAY, 2009, p. 14).

Nesta possibilidade, pelos arranjos do nomadismo, acreditamos que o viver nos encaminha ao reconhecimento da ética da diferença entre as formas-de-vida, que em suas singularidades transitam e deslocam-se em direção ao desconhecido, ao inesperado. Desse modo, enquanto uma corporeidade que se desloca por

diversos lugares, o viajante/nômade/aprendiz adentra à um território desconhecido e ali se dispõe a residir, viver, produzir, desejar e planejar outros deslocamentos, podendo constituir/habitar assim, um espaço denominado por Onfray (2009) como 'entremeio'. Ademais, por este pensamento, conseguimos nos aproximar do lugar do acontecimento do aprender, pois este lugar, pode ser delineado enquanto 'entremeio', uma vez que neste espaço pode haver a desconstrução da rigidez social, das regras coletivas e dos hábitos padronizados. Nesta ruptura outros possíveis se apresentam, invenções podem ser sentidas, territórios pode ser produzidos, vidas podem ser semeadas.

Inventar

No aprender reside a invenção. Por meio desta percepção as ações de semear, germinar, cultivar e colher, são analisadas aqui, como prospectivas para o viver e o aprender. O deslocamento por entre múltiplos territórios reais/simbólicos dimensionados pelas ramificações da viagem, nos encaminham a analisar estas ações como práticas de potencialização da vida e da aprendizagem da vida. Amparados pela perspectiva agrônômica entendemos que o semear, nesse caminho mobiliza-se como o ato de acomodar as sementes em local com condições ambientais propícias para que ocorra sua germinação. O germinar, corresponde ao processo metabólico sequencial de transformação do embrião de uma semente em plântula. O cultivar, por sua vez, corresponde à ação de proporcionar condições adequadas de desenvolvimento das plantas desde o período anterior a semeadura até a colheita. O colher, por fim, aponta o procedimento de coleta de partes vegetais de interesse de uma planta.

Figura 4 – Inventar.



FONTE: Luis Humberto Bahú Ben (2016). Santiago/RS.

Em certo esboço relacional sobre o cultivo e o resguardo no viver e no habitar Heidegger (2000), sinaliza que é na qualidade do encontro, em que mutuamente algo/alguém (forma-de-vida) se oferta ao outro de maneira sensível, podendo reverberar no florescer de novos acontecimentos, percepções e relações. Nessa perspectiva, o cultivo do qual Heidegger (2000) discerne em suas enunciações, apresenta uma ideia atrelada ao pensamento de que o cultivo só pode ser construído numa estância e circunstância. Estes dois últimos termos revelam o exato lugar onde o construir/aprender acontece - já que por estância compreende-se o lugar onde se inaugura um encontro e, por sua vez, pela circunstância avista-se a condição ou estado necessário para que um encontro ocorra. Nesta prospecção, quando pensamos no processo de aprender como invenção, de pronto consideramos os deslocamentos por entre lugares como possíveis ambientes-moradas que movimentam ideias, pensares e processos singulares.

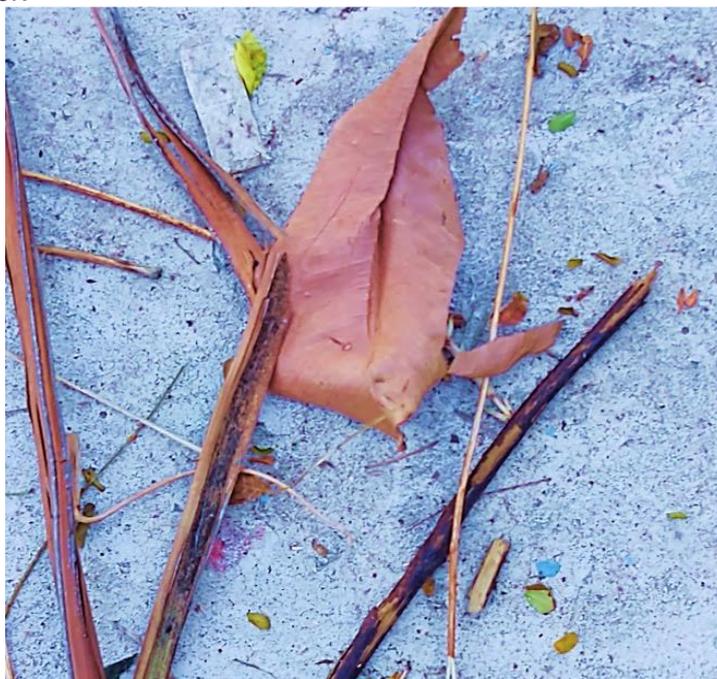
Criar Educação, Criciúma, v. 9, nº 3, ago/dez. 2020 – PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

Por conseguinte, estes deslocamentos inventivos, são engrenagens que em suas configurações nos mostram a potência do cuidado com o viver e o aprender. Cuidado inventivo, que se ampara no semear, no germinar, no cultivar para que de fato possamos colher elementos poéticos, simbólicos, reais, afetivos, modulantes no/do mundo.

Aprender

Sentir. Viver. Inventar. Aprender. Semear. Germinar. Cultivar. Colher. Deslocar. Viajar. Expressar. Percorrer. Trilhar. Desbravar. Aventurar. Vibrar. Corporificar. Criar. Reverberar. Ramificar. Viajar. Ser.

Figura 5 – Aprender.



FONTE: Ana Paula Parise Malavolta (2020). Santiago/RS.

Entendemos nesta escrita que as palavras, as imagens, os sentidos e as contingências vivenciadas em uma viagem servem como mecanismos, como percursos narrativos para mobilização do processo de aprender. Viver, percorrer, sentir, aprender, encaminham-se em suas conexões como modulações vivas e abertas para a invenção de possíveis modos de aprender pela vida, pelo mundo, pela descoberta, pela aventura, pelo encontro.

Nesta acepção, os caminhos impulsionados em cada área de/do conhecimento nesta produção – Psicologia, Direito e Agronomia – apresentam-se como lugares de trocas, possibilidades e arranjos conceituais, reflexivos e inventivos. Lugares estes que em suas especificidades ofertam composições para a ebulição de caminhos e percepções sobre a potência da viagem e seus deslocamentos e reverberações, no espaço ético e fértil da vida e das singularidades.

Os agenciamentos delineados pelo viajar, estabelecem meios para uma poética do viver em comum, produzindo inclinações experienciais diante de cada entrada, de cada desvio, de cada paragem. O deslocamento por entre territórios singulares e geográficos irradia possibilidades de partilha, acoplamento, expressão. Assim, a viagem e seus percursos narrativos apresentam meios sensíveis, distintos, reais e inventivos para a operacionalização de um cultivo do aprender com/pela a vida, com o mundo e sua imensidão de possíveis.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Meios sem fins**. Belo Horizonte, Autêntica, 2 Ed. 2016.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: Obras escolhidas, v. 1. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. In: **Ensaio e Conferências**. (trad.) Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. 2ª ed. 2000.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- LARROSA, Jorge. **O Ensaio e a Escrita Acadêmica**. Revista Educação & Realidade: 2003.
- ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem: poética da geografia**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM Editores, 2009.
- THOMAZONI, Andressa; FONSECA, Tania Mara Galli. **Obra de arte como território de existência**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 23 – n. 3, p. 523-534, Set./Dez. 2011.



Criar Educação, Criciúma, v. 9, nº 3, ago/dez. 2020 – PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

Recebido julho de 2020
Aceito setembro de 2020